

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NECROLÓGIO. O ETNÓLOGO PROF. DOUTOR JORGE DIAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1973 | Número: 83

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Necrológio. O Etnólogo Prof. Doutor Jorge Dias. *Revista de Guimarães*, 83 Jan.-Dez. 1973, p. 165-171.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

NECROLÓGIO

O Etnólogo Prof. Doutor Jorge Dias



Professor Doutor Jorge Dias
Etnólogo

Perguntará o vulgo: — Quem foi, ou quem é Jorge Dias?! Alguns dos seus contemporâneos, ou até conterrâneos, nunca terão dado pela existência deste Homem, porque nunca Ele se harmonizou com a exibição, que aliás lhe era fácil, do seu Nome e do seu vasto saber.

Pois em 5 de Fevereiro do ano de 1973, quiz a fatalidade do destino que falecesse em Lisboa, onde actualmente vivia, este notabilíssimo cientista português, que foi o Professor António Jorge Dias.

Referindo-se ao inesperado acontecimento, alguns dias após, disse o

publicista Álvaro Miranda Santos, com inteira verdade e propriedade, num dos mais conceituados jornais da Capital: «O país acaba de sofrer um dos golpes mais fundos com o desaparecimento físico de Jorge Dias. Resta apenas que a sua presença se mantenha através da sua Obra. Muito particularmente, através da atitude fortemente vincada em toda ela, a atitude fundamentalmente científica. Seriamente objectiva. Honestamente humana».

Podemos dizer que nestas breves, mas lapidares palavras, se contém, íntegro, o retrato espiritual desse eminente investigador.

Não foi fácil a juventude do malogrado estudioso, que só um pouco tardiamente pôde dar a ambicionada e devida expansão à sua latente vontade de conhecimento das múltiplas facetas universalistas do ser humano, isolado ou em comunidade, e procurar a solução dos mais obscuros problemas da Antropologia cultural, da Etnologia, da Etnografia, do Folclore, da Linguística, das origens da Arte e das Religiões, do Culto do Sobrenatural, da Geografia humana, dos misteres profissionais, etc.

Nascido no Porto em 31 de Julho de 1907, durou a sua vida 66 anos incompletos, mas só passados os primeiros 22 dessa tão fecunda existência, começou a estudar, certamente (supomos nós) porque mais cedo talvez lho não tivessem consentido precárias condições económicas pessoais. Porém, com vivacidade de inteligência e rapidez de assimilação, logo completou em dois anos todo o curso liceal, que normalmente leva sete. Continuando a estudar, já então na Universidade de Coimbra, mas, como não possuía recursos monetários bastantes, começou simultaneamente a trabalhar em traduções para as legendas de filmes das empresas cinematográficas e a dar lições particulares. Naquela douta Universidade se licenciou em Filologia Germânica, e completou também várias Cadeiras de Ciências Históricas e Filosóficas, partindo seguidamente para a Alemanha, após haver obtido, em 1938, uma bolsa de estudo, do nosso Instituto de Alta Cultura, para ali exercer as funções de Leitor de Português, em que logo marcou uma invulgar e brilhante carreira, primeiramente na Universidade de Rostock, em 1938-39, e mais tarde nas de Munique (1939-42) e Berlim (1942 a 44), havendo exercido, nesta última cidade, o cargo do Instituto para Portugal e Brasil. Em 1944, já também se havia doutorado em Filosofia, pela Universidade de Munique. Em seguida, passou a desempenhar o mesmo Leitorado de Português em Espanha, na Universidade de Santiago de Compostela (1944-46), conseguindo que ali, na Faculdade de Letras, fosse inaugurado, com carácter obrigatório, um curso de Cultura Portuguesa, cujo ensino ele assumiu, e, mais tarde (1946-47), passou a ministrar o Leitorado na Universidade de Madrid.

Nesta longa peregrinação pelo estrangeiro, que muito contribuiu para o desenvolvimento da sua vocação cultural, especialmente no contacto com os grandes Centros universitários alemães de investigação científica, que marcaram por certo um grande passo na sua vida, completando a sua carreira, sem contudo exaurir a sua ansiedade de novos e cada vez mais largos ensinamentos, com que iria alcançar a consagração universal do seu Nome.

Visitou então vários países, — a Inglaterra e a Escócia, a França, a Bélgica, a Itália, Suíça, Dinamarca, Polónia, Checoslováquia e Hungria, e, muito especialmente as regiões dos Alpes alemães e o Tirol austriaco. Em toda a parte este infatigável e prestigiado estudioso inspirava viva simpatia nos meios que frequentava, com seu natural poder de criar amigos em quantas pessoas dele se aproximavam e nele reconheciam um sábio etnólogo e etnógrafo, só comparável em Portugal ao grande cientista que, muito antes dele, tinha sido o Professor Leite de Vasconcelos, em cuja Obra Jorge Dias se apoiara, mas que modernizou a seu modo e actualizou em múltiplos aspectos.

Nunca foi um homem cioso e orgulhoso do seu saber, ou fechado e reservado nos seus conhecimentos do mundo e da vida. Pelo contrário, gostava de transmitir o muito que sabia, e criou discípulos que o admiravam e a ele deviam o que haviam aprendido, e foram mais tarde seus colaboradores, principalmente sua Esposa Senhora Margot Dias, especializada na colheita de cancioneiros musicados, que certas obras dele exigiam, como também o etnógrafo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, o artista Fernando Galhano, e alguns, poucos mais.

Falava correcta e fluentemente várias línguas europeias actuais — o alemão, o francês, inglês, italiano, espanhol, qualidade que muito o ajudou a expandir no estrangeiro os seus largos pontos de vista sobre as matérias científicas que professava. Sem pretensões nem reclames à sua própria individualidade, detestava a publicidade, convencido de que a personalidade e superioridade de cada qual se não impõe a ruídos de tambor, nem a gritos de corneta, mas sim pelos sólidos conhecimentos adquiridos e transmitidos, generosa e humanamente, a quem deles necessitasse. Escreveu um dia este conceito: «Sou de opinião que é preferível ter a coragem de mostrar

humildemente o que se ignora, do que, por orgulho, manter o estado de ignorância em certos domínios».

Quando, em 1947, foi fundado, na Universidade do Porto, um Centro de Etnologia Peninsular, do qual era Director o saudoso Professor Mendes Correia, para logo foi Jorge Dias encarregado da regência da Secção de Etnologia, pois era então ele o único que em Portugal possuía um grau universitário nessa Ciência. Do sucesso e utilidade desse Centro deu notícia o seu discípulo Dr. Veiga de Oliveira, no volume editado pelo Instituto de Alta Cultura, em 1968, sob o título de «Vinte anos de investigação etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular».

Foi sempre Jorge Dias um investigador que procurava, na convivência demorada com os usos e costumes dos povos que descrevia, a confirmação prática das suas conclusões e comparações. Dizia ele que o etnólogo, para segurança do seu estudo deveria conviver com a gente do povo cujo inquérito sobre as modalidades de trabalho e cultura procurava obter, pelo menos durante dois anos. Nunca esqueci a exclamação cativada, admirativa, e de respeitosa estima que, em certo dia, deambulando eu em passeio pelas faldas da Serra do Gerês, ouvi a um rude pastor, que encontrei e que, falando a respeito da passagem de Jorge Dias por aqueles sítios, me contestou:

— *«Ah! O Senhor Doutor Jorge Dias! Conheço muito bem, esse meu grande amigo, que esteve hospedado na minha choupana durante bastante tempo, e me acompanhava sempre que eu saía com os rebanhos que guardava!»*

Esse espírito de aventura, desprezando comodidades, e de peregrinação pelas diversas partes do mundo que queria conhecer, foi sempre uma característica deste investigador, ávido de confrontos, de aproximações e de conclusões exactas recolhidas das próprias fontes daquilo que estudava honesta e seguramente, e não com passadeira leviandade. Era um praticante, um militante.

Em 1956, então de novo em Lisboa, inicia, acompanhado da Esposa, o estudo das nossas parcelas ultramarinas de África, especialmente a de Moçambique, na região do povo *maconde*, cuja vida e excepcionais aptidões artísticas demoradamente investiga *in situ*, e sobre a qual deixou publicados 3 volumes, *Vida e Arte do Povo Maconde*, e trabalhava num último, quando faleceu.

Publicou numerosos artigos e obras de tomo, cuja totalidade, por serem numerosas nos dispensamos de citar, mas algumas das mais notáveis aqui deixamos registadas:

- *Vilarinho da Furna. Uma aldeia comunitária*, Porto, 1948, que apresentou primeiramente, como tese do seu doutoramento na Universidade de Munique, em 1944. (*Vilarinho da Furna. Ein autarkisches im Norden Portugals*).
- *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril*, Porto, 1953.
- *Os arados e as suas prováveis origens*, Coimbra, 1948. (Sobre este tema publicou ainda outros trabalhos).
- *Minho, Trás-os-Montes et Haut-Douro*, Lisboa, 1949.
- *A encomendação das almas*, (de colaboração com Margot Dias), Lisboa, 1951.
- *Bosquejo histórico da Etnografia Portuguesa*, Coimbra, 1952.
- *Aparelhos de elevar a água de rega*, (De colaboração com Fernando Galhano), Porto, 1953.
- *Las construcciones circulares del Noroeste de la Peninsula Ibérica y las citanias*, Madrid, 1946 (Este estudo constituiu um assunto que oferece vários problemas, fundamentais para a interpretação da estrutura das habitações castrejas. Insistiu Jorge Dias nele em vários outros trabalhos, como, por exemplo, em: *Construções circulares no litoral português*, Porto, 1946; *As casarotas da Serra Amarela*, Porto, 1946; *Ruínas de tipo castrejo no Algarve*, Porto, 1948; *Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas*, Madrid, 1948).
- E muitos outros assuntos ocuparam a atenção do investigador, que ele tratou em diversas Revistas em língua castelhana, inglesa, francesa, alemã. Na «Revista de Guimarães», órgão cultural da Sociedade Martins Sar-

mento, publicou, a pedido nosso, dois interessantes artigos: — *Um brex de Montemuro e um cêsto egípcio da XII Dinastia*, Guimarães, 1953, vol. 63, p. 133; e «*Algumas considerações sobre áreas culturais*», Guimarães, 1955, vol. 65, p. 145.

Podemos afirmar que nenhum assunto de Etnografia portuguesa lhe foi estranho, em muitos pormenores inéditos. Em diversos artigos se referiu aos pastores, seus rebanhos e abrigos pastoris na serra, aos espigueiros de guardar e conservar o milho nas próprias espigas, aos moinhos, à ferramenta da lavoura, aos instrumentos musicais rústicos, etc. Também muitos temas sociológicos, rituais, crenças, superstições lhe mereceram profunda atenção.

Participou activamente em numerosos congressos e Colóquios científicos, nacionais e estrangeiros: Congresso Internacional de Geografia (Lisboa, 1949), Congresso de Cooperação Intelectual (Madrid, 1950), Colóquium Luso-Brasileiro em Washington (1950), Congresso Internacional de Etnologia europeia ocidental (Estocolmo, 1951), Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1951), Congresso Internacional dos Americanistas (Cambridge, 1952), Congresso de Antropologia e Etnologia (Viena, 1952), etc. Foi sócio de muitas Instituições científicas incluindo a Sociedade Martins Sarmento, na qual foi admitido em 5 de Abril de 1950.

Além deste intenso labor, ainda lhe chegou o tempo para a canserosa criação sua de dois museus: — o pequeno Museu do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos; e o Museu de Etnologia do Ultramar, no qual procurou que ficassem representadas todas as culturas do mundo.

Exerceu brilhante professorado no Instituto de Estudos Ultramarinos e nas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e de Lisboa, onde os seus alunos tinham por ele o maior respeito e admiração.

Em face de tão formidável exemplo de trabalho, só nos resta dizer que este Homem, forte e audacioso, tanto cuidava da cultura intelectual, como da cultura física. Foi, a par da primeira, um destacado desportista, campeão de natação em 1925, no Sport Clube do Porto, e obteve vários prémios, em campeonatos.

Eis o nosso resumido testemunho da gloriosa vida deste Homem bom, prestimoso e sábio, que a morte ceifou há pouco tempo, tão cruel como inesperadamente, e ainda em plenas e vigorosas faculdades de fecunda produção material e mental.

Que Deus conceda paz à alma generosa deste grande trabalhador! (*)

Mário Cardozo

(*) Da morte de Jorge Dias, que muito senti, tive conhecimento pelas notícias da imprensa diária, quando, na ocasião, eu próprio me encontrava na cidade do Porto, em tratamento de grave doença, internado no Hospital Escolar de S. João. Como preitesia à memória desse meu admirado Amigo e destacado Consócio na Sociedade Martins Sarmiento, redigi então estas linhas necrológicas, para oportuna publicação na «Revista de Guimarães». Infelizmente, porém, como não consegui recuperar inteiramente a saúde, solicitei a minha exoneração de presidente da Direcção da Colectividade acima referida, e de Director do seu órgão cultural, onde já nada interfiro, pelo que só agora se publica (por favor que devo e agradeço ao Ex.^{mo} Vice-presidente, em exercício, da Sociedade, Senhor Dr. Augusto Cunha) esta singela Homenagem, embora tardia, ao insigne Etnólogo falecido. — M. C.